

Há muitas cidades dentro de Natal

Josimey Costa¹

A história é um conjunto de lembranças.

Perceber o que há por trás das imagens e do contexto em que foram formadas embasa a reconstituição histórica mais profunda, sendo possível exercitar a interpretação do real através da imagem compreendida como ícone. Tudo o que está na vida dos homens e na sociedade está também na história e, por isso, o imaginário de uma sociedade permite um acesso profundo à consciência e à evolução histórica dessa sociedade. Mas não de qualquer jeito: o passado não se sujeita a periodizações, embora possa apresentar fases referenciais. E é pelas imagens que ele revela o quanto é presente.

Natal contém em si o tempo, como todas as cidades. Ela permanece na memória, apesar de não apresentar nenhuma grande particularidade contemporânea, excetuando-se a beleza natural de suas dunas, como a própria literatura local atesta. É o olhar que a percorre que descobre sua singularidade e é a memória que repete os símbolos que a fazem existir. O passado remoto, que faz de Natal o que ela é, muda de acordo com o itinerário do olhar, de modo que a cidade é uma sucessão no tempo de cidades diferentes. Mas o futuro também perfaz esse movimento: todas as futuras Natais já estão presentes neste instante, contidas umas dentro das outras.

Compreender, pois, Natal é contemplar as cidades antigas que se mostram contemporaneamente nos bares repletos de inspiração tirada da Segunda Guerra, como o “*Black Out*”, ou no filme “*For All - O Trampolim da Vitória*”, rodado em cenografias “bricoladas” na própria paisagem urbana natalense; os ônibus intermunicipais “*Parnamirim Field*” e “*Trampolim da Vitória*”, ou ainda quando um *out door* anuncia *show* musical numa “Rampa”, que perdeu seu significado original ao longo do tempo por obra do descaso oficial.

Durante anos, essa mesma Rampa, que era uma base de hidroaviões durante a guerra, apareceu como um símbolo da forte militarização da cidade encravado no cotidiano da população. Uma cidade que tinha grande concentração populacional na Cidade Alta, Ribeira e Rocas e que foi quase completamente transformada, num período de menos de 10 anos (entre 1941 e 1947), pela presença de bases americanas.

Essa é uma Natal que poucos conseguem ver contemporaneamente, ainda que ela não seja só essa cidade que existe agora, em 1999. Natal só é o que é porque havia uma cidade em 1959, outra em 1939, ou outra ainda em 1909. A *mesma* cidade, e no entanto, totalmente diferente do que ela é hoje. Natal só pode ser o que é hoje, exatamente o que ela é, porque é esse ajuntamento de coisas que aconteceram ao longo da sua história e que podem ser percebidos na sua paisagem, mesmo que haja um esforço muito grande das instituições e de muitos natalenses em apagar esse passado.

¹ Josimey Costa é jornalista e professora universitária.

A instalação da maior base militar norte-americana fora dos E.U.A. ocorreu em Natal, mais precisamente, entre 7 de julho de 1941 (data oficial do início das atividades) e 1946, ano ao longo do qual os norte-americanos foram deixando gradativamente a base, por fim administrada somente por brasileiros. Segundo estimativas de Câmara Cascudo, um contingente de 10.000 americanos, sem contar os militares brasileiros, aportou em Natal, numa época em que a cidade tinha cerca de 55.000 habitantes. Ou seja: 18% da população, num período de tempo muito curto, passou a ser constituído por estrangeiros de passagem pela cidade.

Esses estrangeiros não estavam confinados nas bases militares. Ocupavam, rotineiramente, pelo menos dez outros lugares, como o *Marine Corps*, as *staff houses* para pilotos, as casas do cônsul e comandante da base, o *First Aid* e os clubes U.S.O - *United Service Organizations*, todos espalhados pelos bairros da cidade, além da Fazenda Milharada.

Um acontecimento desse porte só poderia ter produzido fundas marcas na cultura local, com reflexos que o presente testemunha. A paisagem urbana natalense sofreu grandes modificações com a simples presença, o tipo físico e as atitudes estrangeiras de milhares de soldados de folga do serviço dentro da cidade. Mudanças com essas proporções forçosamente implicaram em outras de igual ou maior amplitude na forma de pensar e de ver o mundo dos habitantes locais.

O provincianismo da cidade na época é apontado no discurso de muitos natalenses. O advogado e professor aposentado Alvamar Furtado diz que “Natal naquela época, vamos admitir, era uma cidade provinciana, extremamente provinciana. (...) Aí, de um momento para outro, começou a invasão consentida depois que o Brasil acertou-se com o Presidente Roosevelt naquele encontro. Houve uma invasão consentida e os americanos começaram a chegar.” Essa cidade provinciana passou a ser conhecida por milhões de americanos e outros aliados e a sua localização geográfica continuou importante mesmo depois da guerra por ser ponto de apoio da rota dos aviões em vôos transatlânticos.

O professor também aposentado Protásio de Melo confirma as mudanças no vestuário, nos hábitos alimentares, na forma de diversão e até nos relacionamentos amorosos. Segundo explica, os homens começaram a usar calções curtos - *shorts* - e camisas para fora das calças - *slacks*; as mulheres começaram a vestir calças compridas. Outras testemunhas dizem que, dentro da Base Aérea, em Parnamirim, a população local viu, pela primeira vez, o mesmo templo servir para a prática de rituais de religiões diversas. Os rapazes natalenses não conseguiam vencer a concorrência dos altos, loiros e garbosos rapazes fardados para namorar as moças. Aquelas que já tinham passado da idade de casar com brasileiros, conseguiram maridos norte-americanos.

Relatos como esses juntam-se aos muitos outros indícios para mostrar que ser natalense é estar marcado por um sentido de estrangeiridade e de antecipação cultural. Não é uma coisa fácil de perceber, até porque isso é muito, mas o sentido de ser estrangeiro em sua própria cidade, essa abertura para transformações culturais formam um conjunto de valores culturais que

impregnam o cotidiano natalense, tanto quanto impregna as próprias pessoas que habitam a cidade.

As imagens emblemáticas da guerra, na forma como ela foi vivida e reconstruída em Natal, interferiram vivamente, embora nem sempre conscientemente, na formação de uma identidade da cidade. Assim como uma pequena palheta na asa do avião pode desviar todo o percurso da aeronave, uma pequena brecha representada por um desvio inovador na história de uma cidade ou de uma pessoa é capaz de gerar condições iniciais para uma transformação que pode, eventualmente, tornar-se profunda.

Em Natal, a Segunda Guerra ainda é revivida periodicamente nas imagens da comunicação de massa (reportagens de jornal, de revista, cartazes, *out doors*, reportagens televisivas, programas de rádio, vídeo-documentários, filmes de cinema, todo o aparato de propaganda de pelo menos uma peça de teatro), nos documentos, nos monumentos (entre prédios, fachadas, letreiros, logomarcas em transportes urbanos) e nas memórias transmitidas oralmente. Os sinais se espalham pela cidade, imperceptíveis para o olhar já acostumado com a paisagem, assim como a fachada de prédios mais altos são invisíveis para quem se acostumou a andar nas ruas esquadrinhando apenas o terreno adiante dos seus passos para chegar mais depressa.

Assim é que o passeio de Vargas e Roosevelt de *Jeep* por Natal em 1943 acaba sendo uma imagem emblemática de todo o período: ela é a mais freqüentemente utilizada para qualquer referência à época, seja na divulgação de filmes ou nas reportagens sobre o assunto. A foto dos dois presidentes no *Jeep* (ou outra também bastante semelhante, apenas com uma quase imperceptível variação de postura dos personagens), adorna em Natal o balcão de preciosidades do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, o saguão de entrada do jornal “Tribuna do Norte”, o suplemento sobre a história do estado desse mesmo jornal e o *hall* íntimo da casa do professor aposentado Protásio de Melo.

As marcas de fatos da época, além das memórias e da paisagem da cidade, aparecem em alguns territórios oficiais. É o caso dos prédios da Base Naval Almirante Ari Parreiras e do museu histórico do Centro de Aplicações Táticas e Reacomplacimento de Equipagens - CATRE, antiga Base Aérea de Natal. A Segunda Guerra, na Base, é uma presença ainda viva, seja no pequeno museu, que ainda guarda equipamentos da época, nos monumentos ao ar livre ou em algumas memórias, embora seja praticamente ignorada do ponto de vista institucional. A capela é uma imagem inalterada desde então - o mobiliário serviu de locação para o filme *For All* - mas os filmes do período estão mofando em condições absolutamente impróprias de conservação.

Apesar disso tudo, ainda falta em Natal um museu. A ausência é criticada, entre outros, por Paulo de Tarso Correia de Melo, numa resposta ao tom trágico de Mauro Mota (1975), autor do poema sobre os americanos em Pernambuco que consta do cardápio do Bar *Black Out*, em Natal. Em seu leve e bem-humorado “Folhetim cordial da guerra em Natal e cordial folhetim da guerra em Parnamirim”, Melo alerta:

“Muita preciosidade

documental se perdeu
e coisas em quantidade
para montar um museu.

Dificultou-se o acesso
a cenários e lugares.
Serão motivos secretos?
Ou segredos militares?”

As iniciativas espontâneas da população contribuem para manter à tona os tesouros históricos da Segunda Guerra. Guias turísticos de Natal, a despeito da falta de informação e estruturas governamentais de apoio. Assim, se organizam *tours* pela cidade passando por antigos abrigos anti-aéreos e alguns sítios históricos, atendendo ao desejo manifestado pelos próprios turistas. Estudantes de segundo grau procuram freqüentemente as bases militares e as bibliotecas em busca de informações para elaborarem estudos sobre o assunto. Estabelecimentos comerciais dispersos pelos bairros homenageiam os fatos históricos adotando “Bar do Ex-combatente”, pequeno e escondido entre farmácias e padarias na Quinze, no cruzamento entre a Bernardo Vieira e a Salgado Filho. A memória sobrevive, ainda que obscurecida pelo descaso oficial e pela omissão institucionalizada.